

FESTA NO QUILOMBO: MESTRES E CANTADORES DE COCOS NA JUREMA

PARTY IN QUILOMBO: MASTERS AND COCO SINGERS AT JUREMA

Marinaldo José da Silva¹

Resumo: A proposta é mostrar uma experiência de pesquisa de campo sobre uma manifestação da cultura popular entre a oralidade e a escritura, diante de uma homenagem e reconhecimento do Mestre Malunguinho, líder negro que se elevou à divindade na Jurema Sagrada, assumindo a patente de Rei da Jurema, firmando-se na tradição oral e teológica nordestina como defensor espiritual, posto este que o diferencia de Zumbi dos Palmares que não “baixa” nos terreiros, mas que os une enquanto personagens imprescindíveis nas lutas históricas negras por liberdade nacional.

Palavras-Chave: Cultura, Popular, Jurema, Mestre Malunguinho.

Abstract: The proposal is to show an experience of field research on a manifestation of popular culture located between orality and writing, on the occasion of a tribute and recognition of the Master Malunguinho, a Black leader who rose to divinity in the Holy Jurema, assuming the rank of King of Jurema, steadying himself on the northeastern oral and theological tradition and spiritual advocate, since this post sets him apart from Zumbi dos Palmares and whose position - instead of "lowering" in the candomble yards, - unites them as essential characters in Black historical struggles for national freedom.

Keywords: Culture, Popular, Jurema, Master Malunguinho.

A proposta é mostrar uma experiência de pesquisa de campo sobre uma manifestação da cultura popular entre a oralidade e a escritura, diante de uma homenagem e reconhecimento

¹ Doutorando em Linguística na área de Oralidade e Escrituras na Universidade Federal da Paraíba. Pesquisador do Laboratório de Estudos da Oralidade da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: marpopular7@hotmail.com

do Mestre Malunguinho, líder negro que se elevou à divindade na Jurema Sagrada, assumindo a patente de Rei da Jurema, firmando-se na tradição oral e teológica nordestina como defensor espiritual, posto este que o diferencia de Zumbi dos Palmares que não “baixa” nos terreiros, mas que os une enquanto personagens imprescindíveis nas lutas históricas negras por liberdade nacional.

Objetiva-se dar continuidade aos estudos dos cocos no Nordeste, em especial na Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, no que diz respeito à brincadeira transitando na fé, ou a fé transitando na brincadeira dessa manifestação cultural?

A performance é puramente corpo e voz que ressoa o substrato poético nas brincadeiras populares e, principalmente, nas danças dramáticas e religiosas. Neste caso é de nosso interesse circular entre crenças e brincadeiras no que diz respeito aos cocos, seja da Jurema, seja de apenas brincadeira, juntos com alegria e devoção.

É importante tornar visível algumas comemorações ritualísticas dos Cocos na Jurema Sagrada. Com este fim, fazem-se coerente exibir, ao longo deste trabalho, alguns trechos e algumas letras de canções dos cocos em uma ‘brincadeira’ sagrada. A partir da pesquisa oral e escrita percebemos que todo o discurso seria uma homenagem ao camarada, amigo, malungo Malunguinho.

Malunguinho vem de malungo e ambas as palavras pertencem ao tronco linguístico Kimbundo, língua falada em Angola, país de que vieram estes negros guerreiros e brincantes.

É importante registrar que em 1938, integrantes da Missão de Pesquisas Folclóricas – MPF fizeram diversos diferentes registros da cultura popular no bairro da Torre, na então Torrelândia: narrativas populares, sessões de catimbó, tribo dos índios africanos, barca.

Jurema sagrada como tradição “mágica” religiosa, ainda é um assunto pouco estudado. É de tradição nordestina que se iniciou com o uso da planta – Jurema – pelos indígenas que se dilui pelo campo da Umbanda, do feitiço e do Catimbó com influências variadas.

Há também no culto à Jurema, vários tipos de sons, como o som do Elu, espécie de tambor, instrumento de percussão que marcam as batidas do culto e da brincadeira também, além do maracá e do triângulo. São instrumentos bastante comuns que tem o ‘poder’ de chamar os mestres encantados para ‘baixarem’ no terreiro para ‘farrear’, dançar e beber cachaça,

fumar cachimbo, dar passes e outras encantarias. Alguns traços são caracterizados por meio de rituais que lembram as cenas dos religiosos africanos do Candomblé, por exemplo. O samba de roda, brincadeira do coco, ciranda entre tantos outros ritmos que envolvem os adeptos e simpatizantes também são mostrados, até mesmo ritos do catolicismo popular. É um mundo, uma cidade grandiosa e encantada, a cidade da Jurema.

A planta Jurema é muito conhecida e apreciada no Nordeste. Na Paraíba é bastante famosa quando salientamos a cidade de Alhandra, município a poucos quilômetros de João Pessoa, onde esse culto é visto como Catimbó. Os devotos iniciados nos rituais do culto à Jurema são chamados de juremeiros. A árvore da Jurema é toda aproveitada nos rituais religiosos. São aproveitadas: a raiz, a casca, o tronco, as folhas e as sementes que são utilizadas em banhos de limpeza, infusões para passar no corpo e cheirar, bebidas e para outros fins dos rituais sagrados entre fiéis.

Podemos dizer que o culto à jurema se compõe de duas linhas, ou falanges: a falange dos mestres de jurema e a falange dos encantados que envolvem os marinheiros, baianos, ciganos entre outros. Diferenciam-se, entretanto, no campo semântico do termo jurema, denotações múltiplas, que são associadas ou inter-relacionadas, num emaranhado semiótico complexo. Além do contexto eminentemente botânico; a palavra jurema designa ainda pelos menos três outros significados:

A – Preparados líquidos à base de elementos do vegetal, de medicinal ou místico, como a bebida sagrada, “vinho da Jurema”, muito comum nos terreiros de umbanda da Paraíba;

B – A cerimônia mágico-religiosa, liderada por pais-de-santo, mestres ou mestras Juremeiros que preparam e bebem este “vinho” e servem aos iniciados e aos visitantes;

C – Jurema como uma entidade espiritual, uma “cabocla”, ou divindade evocada tanto por indígenas, como remanescentes, herdeiros diretos em cerimônias do Catimbó, de cultos afro-brasileiros e nos terreiros de umbanda.

Em alguns terreiros de João Pessoa e Grande João Pessoa encontramos várias maneiras de cultivar a jurema, além da utilização das várias partes deste arbusto serem utilizadas no ritual, registramos vários pontos cantados de jurema como coco de roda. Neste caso, os cocos de roda e de gira abrigam-se em um espaço sagrado, que é o terreiro. São várias as formas que

se apresenta a jurema. Versam em pontos cantados, em narrativas, em bebida, em magia, em cura, na esquerda, na direita, tudo isso com sua caracterização própria. Neste caso, é louvável delimitar esse campo da jurema com tantas faces do além, firmando-se em uma só: dar vez e voz às pessoas do culto e mostrar, por depoimentos, toda beleza do ritual que envolve canto, dança e magia, apoiados em depoimentos orais.

É importante evidenciar a vários estudiosos sobre a jurema sagrada, no Brasil, tais como: Roger Bastide, Luis da Câmara Cascudo, Maria Ignez Novais Ayala, Luis Assunção, Sandro Guimarães Salles, entre tantos outros, mas estudos sobre os cocos na jurema são poucos divulgados e estudados. De acordo com Ayala (2000, p. 11), fazendo referência ao bairro da Torre e em pesquisa de campo - “A partir de 1992, a situação do bairro era outra, [...]. Contudo, [...] ainda são encontrados cocos por lá, só que em vez de estarem na rua [...], estão durante o ano todo nas casas de cultos afro-brasileiro mesclados a pontos de jurema”.

É essencial evidenciar a jurema enquanto feito da cultura popular em espaços religiosos, dando vez e voz aos que da jurema participam, limitando-nos aos terreiros de umbanda da Paraíba.

Nesse emaranhado de beleza plástica com tanta gente provida de diferentes saberes e sem fronteira alguma, por ser efêmera, constante, o culto da jurema, com sua infinita magia nos permite evidenciar a jurema como religião afro-indígena-brasileira com seus rituais e encantarias em meio a uma nova roupagem na medida em que mostraremos outros espaços² que a jurema tem, pois para jurema sagrada não há limitações por se tratar de religião e, nesse caso uma pesquisa interdisciplinar com caminhos traçados nas encruzilhadas da literatura e da linguística.

A leitura de textos orais é enriquecedora se for vista pela oralidade enquanto memória cultural, pois é bastante comum encontrarmos vários brincantes que dominam a brincadeira no conjunto de gestos, canto e dança sem perceber a evidente performance da informação que - por natureza - é atrelada à memória.

Vimos, através das manifestações populares, a presença de vários cocos cantados, cocos religiosos no sentido de trânsito entre atividades diversas pertencentes ao universo da literatu-

² João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

ra oral, isso é, entre o terreiro e a rua onde há uma efemeridade de alegria, canto, dança e fé, e que a palavra escrita é insuficiente para guardar na memória tal apreciação cultural e popular. As questões de leitura e letramento, muitas vezes perdem para o campo da oralidade por desfaltar o ritual com palavras que pouco expressam as manifestações culturais providas por um saber diferente e fantástico, mas que é considerado científico. Vejamos alguns cocos:

Jurema, minha jurema,
Meu rico tesouro
E olha o tombo da jurema
Qu'ela vale ouro.

A jurema é preta, pode amargar .
Ela tem espinho, pode furar.

Neste coco, que encontramos como ponto cantado de Jurema, pode-se perceber que há uma valorização ao culto à Jurema ao dizer que vale ouro, mineral de grande valia histórica entre escravos e senhores donos de engenhos: “[...] que ela vale ouro [...]”

A jurema é minha madrinha,
Jesus é o meu protetor.
A jurema é pau sagrado,
Deu sombra a Nosso Senhor

Você que é um bom mestre
Me ensine a trabalhar
Trabalhar com três ciências:
Jurema, Junco e Jucá

Refere-se ao arbusto frondoso, que dá sombra, e ainda ao Nosso Senhor. Misturando catolicismo popular com a Jurema. “Deu sombra a Nosso Senhor”.

Na mata só tem um, é rei:
O rei da mata é Malunguinho.
Firmei meu ponto, sim,
No meio da mata, sim.
Salve a coroa, sim,
Do Rei Malunguinho !

É um ponto cantado e coco da Jurema que exalta o Rei Malunguinho, Rei da Mata³. Escrever sobre a jurema é um esforço de concentração de elementos dispersos de pesquisa para a composição de um texto evocativo de interpretações, relacionadas aos usos sociais de uma

³ Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

planta, principalmente nos terreiros de umbanda que cultuam a jurema e repassam sua ciência por meio da oralidade. Primeiro, cabe notar que a jurema não é muito conhecida nacionalmente ou internacionalmente, principalmente como elemento de culto religioso.

Será que a jurema utilizada nas sessões de Mesa de Catimbó é uma das presentes nos terreiros de Umbanda da Paraíba? Independente de gênero ou espécie, a jurema “é um pau sagrado, deu sombra ao Nosso Senhor”, (assim, evidenciamos este dado em um dos pontos cantados de jurema na casa de Dona Maria dos Prazeres, no bairro da Torre) para aqueles que a cultuam nos rituais de terreiros de umbanda na Paraíba.

Deixando de lado seus usos medicinais e alucinógenos, focalizo a jurema aqui sob o aspecto ritual de onde emergem manifestações diversas de experimentação religiosa que fundamentam inclusive fenômenos, como os de construção de identidade social ou de etnicidade.

A partir das pesquisas de campo e dos resultados, poderemos contribuir com a sociedade nos esclarecimentos sobre os cocos que transitam na cultura popular em brincadeira e religião na rua e nos terreiros da Paraíba. São várias as denominações e tipos para a jurema: Cabocla Jurema – entidade que baixa nos filhos de umbanda; Jurema de cheiro – fusão de folhas e caule da planta com álcool; Jurema de beber – espécie de vinho, formado por uma fusão de ervas e “cascas secas de plantas”; Jurema da meia noite; Jurema batida; Jurema de chão; Jurema traçada. Pela sua riqueza poética e cultura, há de convir que “A jurema sagrada parece dar continuidade ao que, anteriormente, foi chamado de “catimbó” por intelectuais e pelas forças repressoras, religião de origem indígena, mas que abrigou desde cedo os negros que traziam, em suas origens africanas, o culto aos antepassados” (AYALA, 2000, p. 119).

Nesta direção está cada vez mais claro a necessidade de evidenciar a brincadeira e canções dos cocos e os pontos cantados que transitam no terreiro. Vale ainda acrescentar que os ritos da jurema são pouco divulgados e, quando isso acontece, são vistos de forma pejorativa.

Assim sendo, parece-me que as experiências e relatos orais são de extrema importância para dar continuidade aos estudos da literatura oral e suas implicações no universo da linguística.

Mas, se quase não existem relatos sobre os cocos de roda e de gira, como podemos fundamentar teoricamente os estudos sobre a brincadeira (termo bastante utilizado entre os parti-

cipantes do coco) dos cocos de roda e de gira? E salve a jurema santa e sagrada nos cocos de roda e de gira! “Salve a coroa, sim, do Rei Malunguinho!”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. Ed. org. por Oneyda Alvarenga. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fund. Nac. Pró-Memória, 3 t., 1982.
- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Primeiros Passos, 36), 1981.
- AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil. (perspectivas de análise)*. São Paulo: Ática. (Princípios: 122), 1987.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In: et alii. Textos escolhidos. São Paulo: Abril cultural. (Os pensadores) 1983.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1987.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, (Primeiros passos: 60), 1982.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. 240. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2.ed. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais, 1990.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, (Biblioteca básica de Ciências Sociais; Série 2a. Textos: 7), 1991.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SILVA, Marinaldo José da. Festa no Quilombo: Cocos na Jurema para o Mestre Malunguinho. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas populares: estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro andando pelo mundo*. São Paulo: EDUSP; Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

Recebido em: 19 de novembro de 2013.

Aceito em: 12 de dezembro de 2013.

